

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

# **Idéias estrangeiras e a constituição do pensamento social brasileiro. A vertente lukacsiana e suas influências.**

Gláucia Tinoco.

Cita:

Gláucia Tinoco (2009). *Idéias estrangeiras e a constituição do pensamento social brasileiro. A vertente lukacsiana e suas influências. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1280>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# Idéias estrangeiras e a constituição do pensamento social brasileiro

## A vertente lukacsiana e suas influências

**Gláucia Tinoco**<sup>1</sup>

Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFPE  
gluciatinoco@gmail.com

### APRESENTAÇÃO

O trabalho desenvolvido, objetiva apontar, *en passant*, a antiga tese presente na sociologia do conhecimento sobre o uso e aplicação de teorias estrangeiras no fomento das Ciências Sociais brasileira. Assim, procura-se apresentar a forma como alguns autores clássicos do pensamento social nacional analisam o uso e aplicação dessas teorias no desenvolvimento da produção de conhecimento social sobre o Brasil.

Especialmente durante as três últimas décadas, a sociologia do conhecimento brasileira, delineou-se mediante o questionamento do uso de teorias estrangeiras na produção de conhecimento nacional.

Várias correntes de pensamento compõem o quadro formativo da nossa ciência social, permeada por influências vindas, a partir do século XIX, sobretudo da França, da Inglaterra, da Alemanha e, no século XX, também dos Estados Unidos. As mudanças do fortalecimento e da

---

<sup>1</sup> A autora é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. O trabalho apresentado é fruto do primeiro capítulo da tese que trata da Produção de Conhecimento sociológico no Brasil, a partir da análise das obras de intelectuais de influência lukacsiana.

permanência das idéias de algumas correntes são observadas ao longo da consolidação da sociologia no Brasil.

Desde concepções positivistas, passando por concepções marxistas, weberianas, estruturalistas etc., a aplicação de teorias vindas de fora se coloca dentro das preocupações dos sociólogos que buscam o entendimento dos impactos, da mudança, da importância e das interpretações concernentes à realidade brasileira.

Essa abordagem primeira contribui para a compreensão do problema central posto aqui, que será apresentado de forma apenas introdutória, que é a percepção da influência exercida pelo filósofo e marxista húngaro, György Lukács na feitura de um modo de entendimento da realidade social nacional.

Não obstante, de maneira específica, o presente trabalho busca delinear, categorias usadas por Lukács e empregadas correntemente na produção de conhecimento social por intelectuais que procuram fazer uso de suas categorias para o entendimento da realidade do Brasil. A saber, a categoria da totalidade e a categoria da *aufhebung* - como empregadas analiticamente pelos intelectuais de viés lukacsiano, que foram selecionados aqui e dispostos em duas gerações.

Primeiramente, serão delineados os posicionamentos de autores clássicos dentro do campo sociológico a deter suas atenções, em momentos específicos de suas produções intelectuais, para problemática de teorias estrangeiras no Brasil. Maria Isaura Pereira de Queiroz e Roberto Schwartz. Estes autores se preocuparam com a utilização de concepções teóricas e metodologias vindas de fora para a feitura da sociologia brasileira. Nesse sentido, vê-se que para a apreensão e entendimento do fazer ciência social no Brasil, é fundamental se entender o debate que cerca o fazer sociológico.

Num momento ulterior, serão apresentados os dois grupos de intelectuais que foram influenciados por György Lukács: Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, José Paulo Netto, Michael Löwy, representantes da primeira geração; Celso Frederico e Ricardo Antunes, representantes da segunda geração.

Aqui caberá mostrar a forma como se deu a seleção desses intelectuais, fundamentais para o dado trabalho. Apontar os critérios utilizados para essa seleção.

Ulteriormente, verificar-se-á as categorias mais empregadas pelos intelectuais lukacsianos ao longo de mais de trinta anos de pesquisa social e sociológica sobre o país. A categoria da totalidade e a categoria da *aufhebung* serão descritas, a partir da perspectiva de György Lukács, e definidas para o esboço a que se propõe o dado trabalho.

## **IDÉIAS IMPORTADAS E AS CONCEPÇÕES CLÁSSICAS: ROBERTO SCHWARTZ E MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ EM DEBATE.**

A consideração sobre idéias estrangeiras no estudo da realidade brasileira é tema de pesquisa de diversos autores para pensar suas relações e sua viabilidade no âmbito das análises da realidade social brasileira.

Dois dos principais intelectuais a analisarem essa questão são Roberto Schwartz e Maria Isaura Pereira de Queiroz. Suas publicações sobre o tema datam dos anos de 1977 e 1989, respectivamente.

Em “As idéias fora do lugar” (2001), um dos textos encontrados no livro *Ao Vencedor as Batatas*, Schwartz, vai expor uma análise sobre o Liberalismo no país. Ele inicia o texto partindo de uma das assertivas de Machado de Assis, escritor a quem ele se dedica a analisar as obras em grande parte do seu trabalho intelectual. O que Machado de Assis vai colocar, em um panfleto de matiz liberal, é que a ciência como forma de conhecimento que busca a verdade de maneira constante, possui princípios, do quais advém o seu sistema. “Um dos princípios da Economia Política é o trabalho livre. Ora, no Brasil domina o fato ‘impolítico e abominável’ da escravidão” (Schwartz apud Assis, 2001, 59). De acordo com Schwartz, Machado de Assis coloca o país fora do sistema científico econômico, pelo fato de o Brasil está atrasado cientificamente em relação às teorias relativas ao Liberalismo, já que a realidade vivenciada no Brasil de sua época destoava das assertivas postas pelo sistema científico. Havia, pois, um descompasso entre o que era vivenciado e o que era tomado como modo teórico de aplicação da realidade nacional. Como ponto fundante, o liberalismo apregoava a liberdade, e no Brasil imperava ainda um modelo de produção escravocrata.

Assim como articulou tematicamente a questão das idéias estrangeiras no país, outros intelectuais percebiam que as teorias, a exemplo da Liberal, era que estava em descompasso com a realidade brasileira (Cf. Schwartz, 2001).

De forma sintética, Schwartz, afirma que existiu uma incompatibilidade entre a realidade histórico-social no Brasil e a adoção de idéias de fora, já que muitas teorias perdem a “justeza”, por isso sua caracterização de “idéias fora do lugar”. Segundo, o autor, é necessário pensar a realidade brasileira dialeticamente em seu contexto multifacetado, diferenciado.

Carlos Nelson Coutinho (2000: 46-50) tece alguns comentários sobre as posições de Schwarz. Apesar de considerar seu trabalho muito importante, Coutinho discorda da generalização feita pelo autor, pois se deve observar sob que ponto de vista e a que ideologias as idéias (fora do lugar) estão servindo para relocá-las, ou para que elas se adequem cada vez mais ao modelo de fora.

Renato Ortiz (2001), por outro lado, posiciona-se sobre a questão ao tratar da relação entre cultura nacional e formação de uma identidade no Brasil. Para ele, os intelectuais brasileiros, ao

absorverem as idéias de fora, não estão estabelecendo apenas um processo de “imitação”, como correntemente se diz no meio acadêmico, mas constituindo uma produção que tenta atrelar as teorias vindas de fora à agenda local e à sua configuração histórico-social, política e econômica. Ortiz explica o uso de teorias estrangeiras em termos de uma “defasagem” acerca do tempo de amadurecimento das teorias adotadas do exterior e o período de produção intelectual nacional, ocorrendo no pensamento científico brasileiro uma proximidade com a ideologia dominante. Isso é entendido aqui como correto, já que em vários momentos a aplicação de dadas concepções teórico-metodológicas foi usada nas análises sobre o Brasil em concomitância com as necessidades do contexto nacional. Essas necessidades estavam muitas vezes atreladas às idéias da parcela preponderante do “mercado” brasileiro, independentemente do que estava sendo usado, em termos teóricos, no exterior.

Para Maria Isaura Pereira de Queiroz (1989), a visão de Ortiz é questionável, pois o desenvolvimento das ciências sociais nacionais, especialmente a partir de 1840, teve traços próprios de originalidade: mesmo numa situação de subordinação intelectual não caberia considerá-las como reproduções do pensamento europeu, a ser empregado de forma transplantada.

De acordo com a autora, a perspectiva de Schwartz também é problemática. Tal como exposto, o autor vai afirmar que essas idéias de fora, tornaram-se calamitosas ao serem aplicadas ao estudo da realidade brasileira, “orientando desastrosamente intelectuais e políticos em suas intervenções” (Schwartz apud Queiroz, 1989). Para Queiroz, o estudo da realidade nacional diferenciou-se ao longo da implementação das ciências sociais no país, havendo duas formas de perceber a realidade nacional. As análises de Caio Prado Jr e Gilberto Freyre exemplificam e justificam as proposições de Maria Isaura. Os dois intelectuais vindos de regiões diferentes e com suas peculiaridades culturais e sócio-econômicas interferiram na maneira de análise da realidade brasileira como um todo. Pontua-se que as temáticas começaram a divergir. Não cabia apenas a busca de uma identidade brasileira, mas dos pormenores de problemas mais amplos e que não tratavam necessariamente do assunto citado.

Assim, a autora infere que, as maneiras de apreender a realidade social nacional, indicam que as análises nacionais das ciências sociais, efetivadas a partir do século XIX, “não podem ser taxados de simples cópia mal ajustada do que se fazia na Europa” (Queiroz, 1989:385). Houve espaço para que as inovações analíticas surgissem, já que as autonomias e dependências, num processo em que as contradições estavam postas, possibilitavam a perspectiva de saídas novas sobre o fazer ciência social no Brasil.

A idéia de que as análises sobre o país são cópias, a partir de um arcabouço teórico-metodológico importado, e sem originalidade não é aceita aqui. Percebe-se que é válido e

importante repensar sobre esse debate, na medida em que ele favorece uma volta às origens da consolidação das Ciências Sociais no Brasil. Ademais, ele faz refletir acerca do *modus operandi* adotado nos diversos momentos dessa consolidação e a impulsionar análises sobre o que se faz e como se aplica categorias advindas de diversos autores e de escolas sociológicas distintas. O que é mais importante; leva um investigador sério, a questionar constantemente a forma de análise da realidade brasileira, tendo como foco central a perspectiva de que o objeto é quem vai requerer uma metodologia e teorias determinadas e não o contrário. Conduz também a uma quebra com o pseudo-intelectualismo que busca a adoção das concepções teóricas de autores mais em voga na academia. Aqui se vê que o momento destina-se a reflexão sobre as práticas de análise da realidade social, no âmbito nacional.

## **OS LUKACSIANOS SELECIONADOS EM DUAS GERAÇÕES: UM ESBOÇO EXPLICATIVO**

Muitos foram e são os intelectuais que fizeram, ou fazem uso de categorias analíticas lukacsianas para a compreensão da realidade brasileira. Não obstante, alguns são considerados como os mais relevantes, na medida em que contribuíram para a divulgação de categorias utilizadas por Lukács para se produzir conhecimento, sobretudo, para se compreender a realidade social.

Os intelectuais lukacsianos foram dispostos em duas gerações. Por esta, toma-se um grupo de intelectuais que muda suas idéias conceituais dentro do contexto histórico-social e político-cultural de um lugar específico, situados no tempo, e que têm suas visões acerca da realidade por eles analisada, transformada tematicamente, motivando rupturas teórico-metodológicas frente a concepções delineadas num momento anterior.

Como já exposto os intelectuais Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, José Paulo Netto, Michael Löwy, representam a primeira geração; Celso Frederico<sup>2</sup> e Ricardo Antunes representam a segunda geração.

A escolha desses intelectuais deve-se à vasta produção sociológica desenvolvida por eles, da relevância dessas para pensar o Brasil e de sua influência exercida no cenário acadêmico – nacional da atualidade, em que se destacam a preocupação com a ecologia, e com os problemas do mundo do trabalho. O fato de muitos terem ficado de fora do trabalho, além dos limites impostos aqui, está ligado à relação de proximidade dos intelectuais, aqui elencados, com a sociologia, mesmo que nem todos atuem diretamente na área.

É premente frisar ainda, os nomes de intelectuais importantes que contribuíram para a divulgação de Lukács no Brasil, tais como José Chasin<sup>3</sup>, Otto Maria Carpeaux, Nelson Werneck Sodré, José Arthur Gianotti, Paulo Arantes entre outros.

---

<sup>2</sup> Celso Frederico (2002) realizou um importante mapeamento da Recepção de Lukács no Brasil.

As concepções adotadas pelos intelectuais lukacsianos foram sendo modificadas sob os impactos dos acontecimentos mais incisivos do processo de introdução e de retomada das idéias de György Lukács frente às transformações verificadas no Brasil. O período dessa introdução e retomadas, corresponde anos 1960 – 2000. Ao observar a produção de autores como Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho, dois dos grandes divulgadores de Lukács no país, vê-se a mudança no rumo de perspectiva acerca de categorias lukacsianas usadas e o momento histórico-social e político-cultural – em que inicialmente estavam inseridos – no começo de suas produções intelectuais.

José Paulo Netto, assim como Konder e Coutinho, insere-se no período de produção intelectual no início da década de 1960, vindo a compor, com estes e mais alguns intelectuais, um grupo de lukacsianos “ferrenhos”. Os três inserem-se no início do movimento de introdução do húngaro no Brasil, durante a Ditadura Militar. Com as mudanças na sociedade brasileira, modificaram suas formas de produção de conhecimento e vice-versa: a primeira geração mostrava-se bastante atrelada à prática partidária e unia-se à academia, buscando sistematizar teoria e prática.

A segunda geração, como vista aqui, é apresentada como já dito, por Celso Frederico e Ricardo Antunes, sendo tomada como a mais relevante, na medida em que ela foi influenciada pela primeira, criando posições próprias e divergentes com esta, e gerando possibilidades concretas de desdobramentos de uma terceira geração. A produção de ambos os autores inicia-se na década de 1970, com a publicação de suas dissertações e teses voltadas para a compreensão da consciência de classe do operariado. Ambos inseriam seus estudos na sociologia do trabalho, campo em que Antunes permanece atualmente. Seus trabalhos contribuíram, já de forma distinta dos intelectuais da primeira geração, para a difusão da preocupação com o movimento operário e as formas de conscientização tomando como base a teoria da consciência de classe de Lukács. No caso de Antunes, suas posições voltam-se mais para a última obra de Lukács, a *Ontologia do Ser Social*. Sua presença é uma das mais fortes na produção de conhecimento de fundo lukacsiano, e também uma das mais resistentes no campo sociológico, por manter-se firme em suas convicções teórico-metodológicas em um cenário onde a perspectiva marxista, apesar de considerada muito importante pelas contribuições já dadas, caiu em desuso. Antunes contribui ainda para a difusão das idéias de Lukács ao orientar trabalhos acadêmicos.

---

<sup>3</sup> José Chasin é sem dúvida um dos intelectuais mais importantes na divulgação de Lukács, e de busca de análise da realidade nacional. Ao longo das entrevistas que os intelectuais selecionados me concederam, foi enaltecida a importância de Chasin, como o divulgador que formou um grupo de jovens intelectuais, no qual alguns dos entrevistados fizeram parte ou tiveram contato em algum momento de suas trajetórias intelectuais. Foi mediante suas solicitações que boa parte da “Ontologia do Ser Social” foi traduzida para o português, ainda que essas traduções se encontrem circulando em algumas instituições brasileiras (UNICAMP, UFRJ, para exemplificar), ou se encontrem no prelo, já que existe o projeto ainda não concluído da publicação da grande Ontologia pela Editora Boitempo.

Assim, percebe-se que os impactos das teorias lukacsianas podem ser averiguados sob dois principais aspectos: de um lado, uma relação positiva entre correntes sociológicas brasileiras – que tinham como referencial teórico - metodológico o marxismo – como forma de viabilizar um entendimento da realidade histórico-social do nosso país, objetivando uma mudança no *status quo* capitalista. Por outro lado, gerou-se uma relação antitética com sociólogos de diferentes vertentes teóricas, o que impossibilitou, muitas vezes, a disseminação do autor nos centros de pesquisa das universidades brasileiras.

## **AS CATEGORIAS DA TOTALIDADE E DA *AUFHEBUNG* SOB A PERSPECTIVA DE GYÖRGY LUKÁCS**

Um dos pontos fundamentais do trabalho exposto é considerar a existência de duas correntes distintas que fazem uso de formas diferenciadas das categorias teórico-metodológicas de Lukács. Para Ricardo Antunes, em *História e Consciência de Classe (HCC)*, a categoria da totalidade é central e na *Ontologia do Ser Social* a concretude da história passa a ser vital, havendo, portanto, a possibilidade de uma clara inspiração por parte das duas gerações em adotar uma perspectiva ancorada em HCC; e outra que adota *A Ontologia* como fundamental. Existem, partindo dessa proposição, duas vertentes; uma guiada por um sentido epistemológico e outra por um sentido ontológico. Na primeira, sua preocupação gira bem mais em torno da epistemologia, que se volta para o entendimento da veracidade do conhecimento da ciência sobre a realidade. Já na segunda, adotada aqui, a preocupação incide sobre acepção ontológica que busca o entendimento da validade do conhecimento produzido de acordo com as condições do objeto e de sua relação como o sujeito do conhecimento, num processo em que a totalidade, além de fundamental, nos parece melhor desenvolvida (Cf. Lukács, 2004).

Percebe-se, através da coleta de material, que duas categorias são recorrentes nas análises dos intelectuais lukacsianos delimitados. A categoria da Totalidade e a categoria da *Aufhebung*, esta mais presente nas obras de Michael Löwy e observadas, mediante as análises feitas aqui e de maneira bastante significativa, nas obras do próprio Lukács

György Lukács agrega as concepções hegelianas e marxianas dando relevo ao materialismo histórico, à categoria da totalidade e, influenciado pela dialética, reintroduz a categoria da *Aufhebung*. Aqui, é necessário pensar sistematicamente as esferas sociais em seu conjunto total, logo, as relações do contexto histórico-social e político-cultural com e na totalidade histórica.

A categoria da *Aufhebung* se refere à própria constituição de um pensamento social de inspiração lukacsiana no Brasil. Ela viabiliza a análise dos desenvolvimentos e mudanças das gerações de intelectuais inseridas no contexto histórico-social e político-cultural do Brasil e de sua



relação com a totalidade, mediante os momentos de negação, preservação e superação de categorias lukacsianas.

Para Lukács, a totalidade tinha como proposição o caráter integrado dos dados que apenas adquiriram lógica quando referidos ao todo. “Ao pegar na parte progressista do método hegeliano, a dialética como conhecimento da realidade, Marx não apenas se separou dos sucessores de Hegel, como operou uma cisão na própria filosofia hegeliana” (Lukács, 1974: 32).

A categoria da totalidade encontra-se presente ao longo não só do livro de 1923, mas durante todo o percurso intelectual de Lukács<sup>4</sup>. Para ele, o que o materialismo pretendia era, a partir da categoria da totalidade ter uma visão aprofundada da realidade, em suas instâncias inter-relacionadas. A ciência deveria ser analisada a partir da história, esta vista como um processo mutável, não linear e não particularizado: “Para o marxismo, em última análise, não há, portanto, uma ciência jurídica, uma economia política e uma história, etc., autônomas, mas somente uma ciência histórico-dialética, única e unitária, do desenvolvimento da sociedade como totalidade” (Lukács, 2003: 107).

Não obstante, é fundamental destacar que esse período de *História e Consciência de Classe* (HCC), se configura como a primeira fase de Lukács como materialista dialético, porém para alguns autores, a exemplo de Ricardo Antunes, como já exposto, existe uma grande ruptura entre essa fase, mais epistemológica e a última fase de Lukács, mais ontológica e vista como a mais consistente e mais abrangente em termos conceituais.

A negação, a preservação e a superação de idéias dos autores das gerações assinaladas, em meio ao contexto político-social e acadêmico, do período que vai dos anos 1960 aos anos 2000, e a relação constituída por eles em atuar sobre essa conjunção delineiam a importância das concepções lukacsianas que foram por eles sendo retomadas e abandonadas (como, por exemplo, a categoria da totalidade) sinalizando as mudanças e o porquê das modificações da produção de conhecimento sociológico dos intelectuais lukacsianos elencados no contexto intelectual e social brasileiros.

Nesse sentido, vê-se que se desenrolou, ao longo de trinta anos, a introjeção, seguida de negações, preservações e superações - caracterizadoras do conceito de *aufhebung* - das idéias lukacsianas entre alguns sociólogos brasileiros nos últimos vinte e cinco ou trinta anos. O que se percebe é que as duas gerações de intelectuais da área das humanidades, já delineadas, preocupam-se atualmente mais com a divulgação e o uso da obra do último Lukács, a *Ontologia do Ser Social*. Esse é seu período mais relevante, pois, nele são vistas que as idéias teórico-metodológicas do autor, para análise da realidade, encontram-se consolidadas em uma acepção ontológica.

---

<sup>4</sup> Como atesta Carlos Nelson Coutinho: “(...) mas o fato é que Lukács jamais abandonou sua inspiração metodológica – princípio da totalidade – que inspirou a sua obra de 1923” (1996: 16)

De forma sumária, pode-se dizer que o estudo da produção de conhecimento social e sociológico de viés lukacsiano no Brasil possibilita uma contribuição a análise do impacto e da recepção de teorias estrangeiras no país. Esse tema apesar de bastante discutido, volta sempre à tona, na medida em que se questiona o fazer ciência social nacional e que se procura perceber as viabilidades de uma produção intelectual própria em que as negações, preservações e superações são axiais. Nesse sentido, a influência lukacsiana na produção de conhecimento social brasileiro aponta para uma quebra com a idéia de colonizados teoricamente. A reflexão sociológica é elemento substancial.

## Referências Bibliográficas

- ANTUNES & REGO, Valquíria (1996). *Lukács: Um Galileu no Século XX*. São Paulo. Boitempo.
- \_\_\_\_\_ (2006). *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*. Campinas, 11ª edição, Editora Cortez.
- COUTINHO, Carlos Nelson (2000). *Cultura e Sociedade no Brasil: Ensaio sobre Idéias e Formas*. Rio de Janeiro. DP&A.
- FREDERICO, Celso ((2002). *A Recepção de Lukács no Brasil*. Buenos Aires. Herramienta.
- LUKÁCS, Georg (1974). *História e Consciência de Classe*. Tradução de Telma Costa. Lisboa. Publicações Escorpião.
- \_\_\_\_\_ (2003). *História e Consciência de Classe*. São Paulo, Martins Fontes
- \_\_\_\_\_ (2004). *Ontologia Del ser Social: El Trabajo*. Herramienta, Buenos Aires.
- MANNHEIM, Karl (1974). "O Problema da 'Intelligentsia': Um Estudo de seu Papel no Passado e no Presente", In: *Sociologia da Cultura*. Tradução de Roberto Gambini. São Paulo. Perspectiva e Editora da Universidade de São Paulo.
- ORTIZ, Renato (2001). *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo. Brasiliense.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de (1989). "Desenvolvimento das Ciências Sociais na América Latina e Contribuição Européia: O Caso Brasileiro". In: *Ciência e Cultura*. Nº 41. Abril. pp. 378-388.
- SCHWARZ, Roberto (2001). *Cultura Política*. São Paulo. Paz e Terra.